

De Sacher-Masoch ao masoquismo*

Gilles Deleuze

O masoquismo não pode se separar do contrato, mas ao mesmo tempo que o projeta sobre a mulher dominadora, ele o leva ao extremo, desmonta suas engrenagens e, talvez, o torna risível.

Sacher-Masoch (1835-1895) nasceu na Galícia, em Lemberg¹. Ascendência espanhola e boemia. Família de funcionários públicos, sob o império austro-húngaro. Seu pai foi diretor da polícia de Lemberg. O tema da polícia assombrará a obra de Masoch. Mas sobretudo o problema das minorias (judia, pequeno-russa, etc.) será uma de suas principais fontes de inspiração. Masoch participa da grande tradição do romantismo alemão. Ele concebera sua obra não como perversa, mas como genérica e enciclopédica. Um vasto ciclo que devia constituir uma história natural da humanidade, sob o título geral: *O Legado de Caim*. Das seis partes previstas (o amor, a propriedade, o dinheiro, o Estado, a guerra, a morte), ele terminara as duas primeiras. Mas mesmo o amor, segundo ele, não se separa de um complexo cultural, político, social e etnológico. Os gostos amorosos de Masoch são célebres. O músculo lhe parece uma matéria essencialmente feminina. Ele queria que a mulher amada tivesse casacos de pele e um chicote. A mulher amada não é de modo algum sádica por natureza, ela é lentamente persuadida, adestrada para sua função. Ele queria estar vinculado a ela por um contrato de cláusulas precisas; uma dessas cláusulas freqüentemente o levava a se fantasiar de empregado doméstico e a mudar de nome. Entre ele e a mulher amada, ele desejava

* Traduzido do francês por André Martins (agradecimentos à revisão realizada por Sidharta Mendes Monteiro). Título original: “De Sacher-Masoch au masochisme”, publicado pela primeira vez na Revista *Arguments*, a. 5, n. 21, 1961 (1º trimestre), p. 40-46. Texto original disponível em <http://www.multitudes.net/De-Sacher-Masoch-au-masochisme/>. A presente tradução nos parece ser a primeira em língua portuguesa deste texto de 1961. Há uma tradução em língua inglesa (por Christian Kerslake): “From Sacher-Masoch to masochism”, in *Angelaki: Journal of the theoretical humanities*, v.9, n.1, 2004, p.25-33.

Deleuze retomou em parte esse texto, modificando-o, em sua *Présentation de Sacher-Masoch: le froid et le cruel*, publicado em 1967 (Éd. Minuit; publicado com o texto integral de *La Vénus à la fourrure* traduzido do alemão para o francês). Este segundo texto de Deleuze fora publicado em português primeiramente como *Apresentação de Sacher-Masoch* (com o texto integral de “A Vênus das peles”), tradução de Jorge Bastos, ed. Taurus, 1983; e reeditado (a mesma tradução, porém revista por Roberto Machado; sem “A Vênus das peles”) como *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, ed. Zahar, 2009. (N.T.)

¹ Lemberg, *Lviv* é uma cidade localizada na Galícia, região também conhecida como Áustria polonesa, hoje dividida entre Ucrânia, Polônia e Romênia, e que à época de Sacher-Masoch pertencia ao império Austríaco. Lemberg atualmente pertence à Ucrânia. (N.T.)

fortemente a intervenção de um terceiro, e a suscitava. *A Vênus das peles*², seu romance mais célebre, expõe um contrato detalhado. Seu biógrafo Schlichtegroll, e depois dele Krafft-Ebing, reproduzem outros exemplos de contratos de Masoch (cf. *Psychopathia Sexualis*, p. 238-240). É Krafft-Ebing que, em 1869, deu o nome de masoquismo a uma perversão, para o grande desprazer do próprio Masoch. Sacher-Masoch não foi um autor maldito. Ele foi homenageado, festejado e condecorado. Ele foi celebrado na França (recepção triunfal, legião de honra, *Revue des Deux Mondes*). Mas quando morreu, sofreu o esquecimento no qual sua obra já havia caído.

Quando, para o bem ou para o mal, o nome de alguém é dado a um distúrbio ou uma doença, não se supõe que os tenha inventado. Mas se supõe, por exemplo, que se “isolou” a doença, que se a distinguiu dos casos com os quais ela era confundida até então, que se determinou e agrupou os seus sintomas de uma maneira nova e decisiva. A etiologia depende primeiramente de uma boa sintomatologia. A especificidade sintomatológica é primeira; a especificidade do agente causal, é sempre segunda e relativa. Não se lamentará, portanto, no caso de Masoch, que os especialistas do masoquismo tenham tão pouco se interessado ao conteúdo de sua obra. Em geral, eles se contentaram com uma sintomatologia menos precisa, muito mais confusa do que aquela que se encontra na obra do próprio Masoch. A pretensa unidade do sadismo e do masoquismo multiplicou a confusão. Aqui, como alhures, uma má determinação dos sintomas levou a etiologia para direções inúteis ou mesmo inexatas³.

Ao comparar-se a obra de Masoch com a de Sade, é-se surpreendido pela impossibilidade de um encontro entre um sádico e um masoquista. Seus meios, suas cerimônias diferem inteiramente; suas exigências nada têm de complementar. A inspiração de Sade é antes de tudo mecanicista e instrumentalista. A de Masoch é profundamente culturalista e estética. Quando os sentidos têm por objeto obras de arte é que se sentem pela primeira vez masoquistas. São quadros do Renascimento que revelam a Masoch a potência da musculatura de uma mulher envolta em peles. É na sua semelhança com uma estátua que a mulher é amada. E o masoquista devolve à arte tudo o que ela lhe dá: é deixando-se pintar ou fotografar, é olhando sua imagem em um espelho que ele se prova e se conhece. Aprendemos que os sentidos tornam-se “teóricos”, que o olho se torna humano quando seu próprio objeto se torna um objeto

² Livro publicado em português no Brasil com tradução direta do original alemão (por Saulo Krieger) pela ed. Hedra (2008, segunda edição de 2015). (N.T.)

³ Perruchot, em um estudo posterior, estuda o problema dos sintomas do masoquismo e questiona sua unidade com o sadismo.

humano, vindo do homem e destinado ao homem. Um órgão se torna humano quando toma por objeto a obra de arte. O masoquismo é apresentado como o sofrimento de uma tal transmutação. Todo animal sofre quando seus órgãos deixam de ser animais. Retomando uma expressão de Goethe, Masoch não pára de dizer: Eu sou o ultra-sensualista, e até mesmo o ultra-sentimental⁴.

A segunda característica do masoquismo, ainda mais oposta ao sadismo, é o gosto pelo contrato, o extraordinário apetite contratual. O masoquismo deve ser definido por suas características formais, e não por seu conteúdo dito dolorígeno⁵. Ora, de todas as características formais, não há nenhuma mais importante do que o contrato. Não há masoquismo sem contrato com a mulher. Mas o essencial, justamente, é que o contrato se encontra projetado na relação do homem com uma mulher dominadora. Normalmente, o contrato tem uma função que depende estreitamente das sociedades patriarcais: ele é feito para exprimir e mesmo justificar o que há de não material, de espiritual ou de instituído nas relações de autoridade e de associação tais que se estabelecem entre homens, inclusive entre pais e filhos. Mas o vínculo material e ctônico⁶ que nos une à mulher, que une a criança à mãe, parece por natureza rebelde à expressão contratual. Quando uma mulher entra em um contrato, o faz “indo em direção” aos homens, reconhecendo sua dependência no seio da sociedade patriarcal. Ora, no contrato de Masoch, isso tudo é derrubado: o contrato exprime aqui a predominância material da mulher e a superioridade do princípio materno. Perguntar-se-á sobre a intenção masoquista que determina essa derrubada, essa projeção. Tanto mais que o masoquista também transpõe o movimento pelo qual o contrato, quando se supõe que funde uma sociedade viril, evolui no tempo. Pois todo contrato, no sentido preciso da palavra, exige a limitação temporal, a não intervenção de terceiros, a exclusão de certas propriedades inalienáveis (por exemplo, a vida). Mas não há sociedade que possa se conservar sem postular sua própria eternidade, sem fazer valer seu império sobre terceiros que não passaram pelo contrato, e sem se dar um direito de morte sobre seus súditos. Este movimento se encontra e se acentua no contrato masoquista com a mulher. O contrato de Masoch, se necessário, prevê um limite de tempo no absoluto; mas a mulher é livre para fazer durar este tempo dividindo-o em fatias. Uma cláusula acessória e secreta lhe dá o direito de morte. E o lugar do terceiro estará reservado, por uma hábil

⁴ Todos os temas, precedentes e seguintes, encontram ilustração em *A Vênus das peles* (tr. fr. Ed. Arcanes, 1952).

⁵ No original, *dolorigène*. Neologismo deuleuziano significando ‘que gera dor’. (N.T.)

⁶ Termo grego que se refere ao mundo subterrâneo; em latim traduzido por telúrico. (N.T.)

precaução jurídica. A mulher é como o Príncipe absoluto, que mantém e multiplica os seus direitos; o masoquista, como seu súdito que perde efetivamente todos os seus. Tudo se passa como se o culturalismo de Masoch fosse ainda mais jurídico do que estético. O masoquismo não pode se separar do contrato, mas ao mesmo tempo que o projeta sobre a mulher dominadora, ele o leva ao extremo, desmonta suas engrenagens e, talvez, o torna risível.

O contrato de Masoch, em terceiro lugar, só se compreende sob perspectivas históricas estranhas. Masoch faz alusão frequentemente a uma época da bela Natureza, a um mundo arcaico presidido por Vênus-Afrodite, onde a relação fugitiva da mulher e do homem tem por única lei o prazer entre parceiros iguais. As heroínas de Masoch não têm uma natureza sádica, mas, dizem elas, uma natureza pagã, antiga e heróica. Mas a bela natureza fora desequilibrada por uma catástrofe climática ou um desastre glacial. Então, a lei natural se recolhe no seio materno, como no princípio feminino que guarda um pouco de calor. Os homens se tornam “as crianças da reflexão”. Em seu esforço na direção de uma espiritualidade autônoma, os homens perderam a natureza ou a Alma: “Quando você é natural, se torna grosseiro”⁷. As peles com as quais as mulheres de Masoch se envolvem têm múltiplos sentidos, mas o primeiro desses sentidos é que elas têm frio em um ambiente glacial. As heroínas de Masoch, enfiadas em seus casacos de pele, espirram constantemente. A interpretação da pele como imagem paterna é singularmente desprovida de fundamento: a pele é antes de tudo símbolo diretamente materno, indicando a dobradura da lei dentro do princípio feminino, a mater Natura ameaçada pela ambição de seus filhos. O urso é o animal de Artemis, o urso peludo é a Mãe, a pele é o troféu materno. Assim, nesse recolhimento, a lei da Natureza se torna terrível: o casaco de pele é a pele da mãe déspota e devoradora instaurando a ordem gineocrática. Masoch sonha com que a mulher amada se transforme em urso, o sufoque e o rasgue. As divindades femininas, ctônicas e lunares, as grandes caçadoras, as potentes Amazonas, as cortesãs reinantes, testemunham o rigor dessa lei de natureza idêntica ao princípio materno. Em *O Legado de Caim*, é preciso compreender o filho primogênito, o agricultor, o preferido da mãe, como uma imagem material da própria Mãe que vai até ao crime para quebrar a aliança espiritual do Pai com o outro filho, com o pastor. Mas o triunfo final do princípio paterno, viril ou glacial, significa o recalçamento da Anima, o acontecimento de uma nova lei, a instituição de um mundo

⁷ Deleuze cita trechos de *A Vênus das peles*. (N.T.)

onde as alianças espirituais prevalecem sobre o vínculo materno do sangue, mundo romano, e depois cristão, no qual Vênus não tem mais lugar: “Vênus, que em nosso Norte abstrato, nesse mundo cristão gelado, deve se envolver em um grande e pesado casaco de pele a fim de não se resfriar”. “Permaneçam em seus enevoados hiperbóreos, no meio de seu incenso cristão; nos deixem, nós pagãos, sob nossas ruínas; nos deixem repousar sob a lava, não nos desenterrem... Vocês não precisam de deuses, nós congelamos no seu mundo.”

Apaixonadas, simplificadas e romanceadas, reconhece-se as célebres teses de Bachofen⁸ no que diz respeito a três estados na humanidade: o heterismo primitivo⁹, a ginococracia e o patriarcado. A influência de Bachofen é inegável, e explica a ambição de Masoch de escrever uma história natural da humanidade. Mas o que é propriamente masoquista é a fantasia regressiva pela qual Masoch sonha em se servir do próprio patriarcado para restaurar a ginococracia, e da ginococracia para restaurar o comunismo primitivo. Aquele que desenterra a Anima saberá tirar proveito das estruturas patriarcais e reencontrar a potência da Mãe devoradora. Em *A Czarina Negra*, Masoch conta a história de uma prisioneira amada pelo Czar no ano de 900: ela caça o urso peludo e toma para si seu troféu, organiza um regimento de amazonas, mata os boiardos¹⁰ e manda decapitar o czar por uma negra. Um homem da comuna, um “comunista”, parece ser a meta distante de sua ação¹¹. Em *Sabathai Sweg*, um messias se casa pela terceira vez com uma mulher que o rejeita. O sultão quer que o casamento se consuma; a mulher flagela seu marido, o coroa com espinhos, consuma o casamento e lhe diz: “fiz de você um homem, você não é o messias”¹². Sempre com Masoch, o homem verdadeiro sairá dos rigores de uma ginococracia restaurada, assim como a mulher potente e sua restauração sairá das estruturas de um patriarcado desviado. Na fantasia regressiva, a relação doméstica, a relação conjugal, a própria relação contratual, se dão em benefício da Mulher terrível ou da Mãe devoradora.

⁸ Cf. Bachofen, *Das Mutterrecht*. (As páginas escolhidas de Bachofen foram traduzidas para o francês por Turel, éd. Alcan, 1938). Sobre temas análogos, Pierre Gordon escreveu recentemente um lindo livro, *L’Initiation sexuelle et l’évolution religieuse* (PUF, 1946).

⁹ Característica de sociedades onde inexistente a instituição do casamento e é natural a liberdade sexual entre seus membros. (N.T.)

¹⁰ Aristocratas e latifundiários da Rússia até a Revolução de 1917. (N.T.)

¹¹ Sobre o “comunismo” visto por Masoch, cf. *O paraíso do Dniestre*.

¹² Sabathai Zweg (Sabathai Cevi) foi um dos mais importantes Messias que comoveram a Europa no século XVII. Numerosos Messias apareceram na Galícia nos séculos XVII e XVIII. Cf. Graetz, *Histoire des Juifs*, tomo V.

Desde então, parece muito duvidoso que a imagem do Pai, no masoquismo, tenha o papel que Freud lhe confere. A psicanálise freudiana em geral sofre de uma inflação do pai. No caso particular do masoquismo, é-se convidado a uma impressionante ginástica para explicar como a imagem do Pai é antes interiorizada no supereu, e em seguida re-exteriorizada em uma imagem de mulher¹³.

Tudo se passa como se as interpretações freudianas, frequentemente, somente atingissem as camadas mais superficiais e mais individualizadas do inconsciente. Elas não penetram nessas dimensões profundas onde a imagem da Mãe reina por conta própria, sem dever nada à influência do pai. O mesmo vale para a unidade do sadismo e do masoquismo: se apoiando sobre o papel do pai, elas se dissipam para além das primeiras espessuras do inconsciente. Que existam camadas do inconsciente muito diferentes, de origem e valor desiguais, suscitando regressões que diferem em natureza, tendo entre elas relações de oposição, de compensação e de reorganização: este princípio caro a Jung não foi reconhecido por Freud, porque este reduzia o inconsciente ao simples fato de desejar. Acontece que se assiste a alianças da consciência com as camadas superficiais do inconsciente, e isto para manter em xeque o inconsciente mais profundo que nos envolve por um vínculo de sangue.

Também no inconsciente há coisas que são somente aparências. Freud contudo o pressentia, quando descobriu para além do inconsciente propriamente objetual a existência de um inconsciente de identificação. Ora, essa imagem que domina no inconsciente do ponto de vista das relações objetais pode perder todo valor ou significar outra coisa nas regiões mais profundas. Muitas neuroses parecem fixadas no pai, mas são trabalhadas e destruídas por uma imagem de mãe tanto mais potente quanto ela não está investida no inconsciente superficial. Em regra geral, os personagens dominantes mudam segundo o nível de análise ao qual se chega: desconfiemos daqueles em quem a análise revela numa primeira aproximação uma imagem de mãe inativa, apagada ou mesmo depreciada. No masoquismo, é provável que a figura do pai seja apenas

¹³ A psicanálise também tenta elucidar este problema que ela mesma suscitou: o objeto feminino não o seria de fato, pois que é adornado de ‘qualidades viris’. O masoquismo seria assim um tipo de compromisso, pelo qual ele fugiria de uma escolha homossexual demasiado manifesta. Cf. Freud, ‘Bate-se numa criança’, *Revue Fr. Psych.*, VI ; Nacht, *Le Masochisme*, éd. Payot, p. 186 (Reik, *Masochismus und Gesellschaft*). Toda dificuldade vem de que a psicanálise, contra toda evidência, primeiramente postulou que a Mãe devoradora, o casaco de pele, o chicote etc. eram imagens do pai. Reik: “Cada vez que tivemos a possibilidade de estudar um caso particular, encontramos o pai ou seu delegado oculto sob a imagem da mulher infligindo o castigo.” (p.27). No entanto, no mesmo livro, Reik tem dúvidas a este respeito recorrentemente, notadamente nas páginas 187-189. Mas ele não tira dessas dúvidas nenhuma consequência.

aparentemente invasiva, simples meio para uma finalidade mais profunda, simples etapa em uma regressão mais longínqua onde se poderá ver todas as determinações paternas virarem em proveito da Mãe.

Nos perguntamos: por quê o masoquismo projeta o contrato em sua relação com uma mulher dominadora? É que, mais profundamente, a aplicação da lei paterna é assim recolocada nas mãos da Mulher ou da Mãe. Desta transferência, o masoquista consegue isto: que a lei lhe dê precisamente o prazer que se esperava que ela interditaria. Pois este prazer que a lei paterna proíbe, ele o experimentará pela lei, desde que a lei, em todo o seu rigor, lhe seja aplicada pela mulher. Por detrás das primeiras aparências, descobre-se uma característica real do masoquismo: de fato, sua extrema submissão significa que ele torna risível o pai e a lei paterna. Reik escreveu um dos melhores livros sobre o masoquismo; é que, para determinar sua essência, ele partia de características formais. Ele distinguia quatro: a importância primordial da fantasia como preliminar indispensável ao exercício masoquista; o fator suspensivo onde o prazer final é ao máximo rejeitado, substituído por uma espera que controla e dissolve a ansiedade; o traço demonstrativo, exibição invertida propriamente masoquista; o fator de provocação no qual o masoquista “força uma outra pessoa a forçá-lo”. É estranho que Reik não tenha levado em conta o contrato. Mas o estudo dos fatores precedentes o levou a concluir que o masoquista não tinha de modo algum uma personalidade fraca e submissa, sonhando com o aniquilamento de si mesmo: o desafio, a vingança, o sarcasmo, a sabotagem e a zombaria lhe pareciam todos traços constitutivos do masoquismo¹⁴. O masoquismo se serve da lei do pai para obter precisamente o prazer que esta proíbe. Temos numerosos exemplos de desvio da lei por submissão fingida ou mesmo exagerada. Por exemplo, a lei que proíbe que a criança fume pode ocorrer em lugares escondidos e malditos, onde dificilmente ela se aplica; mas a criança pode fazer como se a lei se aplicasse por si só, ordenando-lhe que fume nesses lugares e em mais nenhum. De forma geral, há duas maneiras de interpretar a operação pela qual a lei nos separa de um prazer: ou bem pensamos que ela o rejeita e o afasta uniformemente, de modo que somente obteremos o prazer pela destruição da lei (sadismo); ou bem pensamos que a lei tomou para si o prazer, o guardou para si; é portanto esposando a lei, submetendo-nos escrupulosamente à lei e a suas consequências que experimentaremos o prazer que ela nos proíbe. O masoquismo vai mais longe: é a execução da punição que

¹⁴ Reik, p. 132-152.

se torna primeira e nos introduz no prazer proibido. “A inversão no tempo indica uma inversão do conteúdo... O Tu não deves fazer isso... Uma demonstração do absurdo da punição é obtido mostrando-se que essa punição por um prazer proibido produz precisamente esse mesmo prazer.”¹⁵ “Ele exhibe o castigo e sua falência.”¹⁶ A mesma lei que me proíbe de realizar um desejo sob pena de uma conseqüente punição é agora uma lei que põe a punição primeiro e me ordena por conseguinte que eu satisfaça o desejo: há aí uma forma de humor propriamente masoquista.

A tese de Reik tem a vantagem de abrir mão de explicar o masoquismo pelo desejo de ser punido. Certo, o desejo de ser punido intervém; mas é impossível confundir a satisfação deste desejo com o prazer sexual provado pelo masoquista. O masoquista, segundo Reik, é aquele que somente consegue provar o prazer a partir da punição: não é dizer que ele encontra seu prazer (senão um prazer secundário) na própria punição. É dizer somente que a punição serve de condição indispensável para o prazer sexual primário. Longe de explicar o masoquismo, o desejo de ser punido o supõe, e envia ele próprio a um benefício derivado¹⁷. Todavia, Reik é menos convincente quando tenta explicar por quê e como a punição serve assim de condição para o prazer. Ele pensa que ela tem por papel dinâmico resolver a angústia ou dominá-la¹⁸. Esta referência indireta ao sentimento de culpa não nos ajuda quase nada: qualquer que seja sua real diferença em relação à teoria do desejo de ser punido, esta concepção propõe uma explicação funcional que não leva em conta as características “tópicas” do masoquismo. Permanece a questão: como (em quais circunstâncias tópicas) a punição preenche esta função de resolver a angústia?

Se a punição masoquista se torna uma condição do prazer sexual, não é porque ela resolva a angústia, mas porque ela passa para a mãe a incumbência de “castigar” uma falta cometida para com o pai. Ou, se preferirmos, é por esse deslocamento que a punição resolve efetivamente a angústia. O erro de Reik nos parece ser ainda o de se ater à imagem aparente do pai e de não avaliar a importância da projeção sobre a mulher ou da regressão à mãe. Assim, ele desconhece a verdadeira natureza da zombaria masoquista. Se o pai é ridicularizado, se a lei paterna é ela própria revirada, é graças à

¹⁵ Reik, p.137.

¹⁶ Reik, p.134.

¹⁷ Reik: “A punição ou a humilhação precedem a satisfação... Porque para o masoquista o prazer segue o sofrimento, parecia evidente que o sofrimento fosse a causa do prazer” (p. 238-242); “O masoquista tira seu prazer das mesmas coisas que nós todos, mas ele não consegue adquiri-lo antes de ter sofrido.” (p. 356).

¹⁸ Reik, p. 122-123. Sobre o papel da angústia no masoquismo, cf. igualmente Nacht, *Le Masochisme*.

projeção do contrato, na medida em que é feita uma regressão na direção da mãe, na qual a aplicação da lei paterna aparece simbolicamente posta nas mãos da mulher. No entanto, à primeira vista, não se vê o que há de alívio em um tal deslocamento: não há nenhuma razão para contar, em geral, com uma indulgência maior da Mãe devoradora. Mas devemos considerar que a lei paterna enquanto tal interdita o incesto com a mãe. Como mostrou Jung, o incesto significa um segundo nascimento, isto é, um nascimento heróico, uma partogênese (entrar uma segunda vez no seio materno para nascer de novo ou se re-parir)¹⁹. Se o pai interdita o incesto, não é porque a mulher ficaria feliz com ele, mas porque o segundo nascimento se faria sem o pai. Ora, é claro que a Mãe não tem as mesmas razões de interditar o incesto ou de castigar seu desejo: a lei materna exige que o filho abandone todos os atributos do pai, mas o exige como condição do incesto e de seu sucesso. É porque a Mãe não é devoradora somente enquanto sua imagem é recalçada, mas o é nela mesma e por ela mesma. Ela impõe ao filho terríveis provações, a fim de que ele renasça homem somente através dela: assim a castração de Attis sobre Osíris, ser engolido por um dragão-baleia ou por um peixe guloso, a mordida por uma serpente, a suspensão na árvore materna, todos esses símbolos de retorno à Mãe significam a necessidade de sacrificar a sexualidade genital herdada do pai, para obter o renascimento que nos dotará de uma virilidade nova e independente. Assim, Hércules é afeminado por Ônfale; Osíris acasala com Isis, mas como uma sombra: sempre o incesto é concebido como um retorno à sexualidade pré-genital. Vemos que sobre um ponto (a castração), a lei materna e a lei paterna apresentam uma estranha coincidência. Mas o que do ponto de vista do pai é uma ameaça impedindo o incesto ou uma punição o sancionando, é, ao contrário, do ponto de vista da mãe, uma condição que o torna possível e que lhe assegura o sucesso²⁰. É portanto a regressão à Mãe que explica como a lei paterna é invertida tanto no tempo como em seu conteúdo.

Quando o masoquista, em virtude dessa coincidência, projeta sobre a imagem da Mãe a aplicação da lei paterna e a execução da punição, duas conseqüências se seguem:

¹⁹ Jung, *Metamorfoses da alma e seus símbolos*, II, caps. 4 e 5.

²⁰ De fato, a certeza de sucesso não é assim tão grande quanto estamos dizendo. Frequentemente o herói não será reconstituído completamente, ou até mesmo permanecerá engolido pela mãe: a Mãe terrível se impõe então à Mãe de vida. Mas é preciso ver nisso um estágio de degradação do mito? Parece antes que o mito, e também a neurose, tal como o veremos, apresentam dois aspectos segundo o que é acentuado, se a regressão perigosa ou a progressão que pode dela emergir. O terceiro, na experiência do contrato masoquista, parece ser uma projeção da saída bem sucedida, ou do sucesso final, isto é, do novo homem que surge dos sofrimentos e das mutilações. Mas justamente à medida em que esta saída não é certa e em que a regressão é acentuada, o terceiro deforma a meta final: ele então representa uma vingança do pai ridicularizado, uma reparação do pai sob a forma sádica, que reage tanto contra a mãe quanto contra o filho.

a lei materna é reforçada e como que reavivada, porque ela vira em seu proveito todas as armas do pai; a lei paterna é ridicularizada, porque ela acaba precisamente por nos dar o prazer que se propunha a nos interditar. Freud distinguia três tipos de masoquismos, cada vez mais profundos²¹: o masoquismo moral, correspondente ao desejo de ser punido; o masoquismo feminino, correspondente à atitude passiva e mesmo às satisfações pré-genitais; o masoquismo erógeno, correspondente à associação de sofrimento e prazer sexual. Mas o desejo de ser punido, no masoquismo, não é separável de uma tentativa de desviar a autoridade paterna; essa tentativa, não separável da transferência à mãe que nos dá um prazer incestuoso pré-genital; esse prazer, ele próprio não separável de uma provação ou de um sacrifício doloroso, como condição do sucesso do incesto, isto é, do renascimento. A fantasia masoquista remonta da imagem do pai à da mãe, e desta ao “homem da comuna”; ela comporta também o tema das duas Mães, que simboliza o duplo nascimento²². É a imagem da Mãe, é a regressão a essa imagem que é constitutiva do masoquismo e forma sua unidade. À condição de interpretar essa imagem originária à maneira de Jung, como um arquétipo das camadas profundas do inconsciente. O problema do masoquismo fora complicado singularmente porque começou-se por retirar da mulher certas características que pertenciam à imagem materna, para então se surpreender que ela as recebesse de fora: aí como em outros lugares, fazendo da imagem algo de compósito, suprimia-se da imagem seu poder diretor e compreensivo.

Quando Freud descobrira um masoquismo primário, proporcionara à análise um grande progresso, pois que renunciava a derivar o masoquismo do sadismo. É verdade que a derivação inversa não é mais convincente: o masoquista e o sádico não têm mais chances de se reunir em um mesmo indivíduo, do que de se encontrar no mundo exterior, contrariamente ao que desejaria uma história engraçada. Por outro lado, a explicação que Freud dá ao masoquismo primário, a partir do instinto de morte²³, mostrava ainda que ele não acreditava em símbolos ou em Imagens enquanto tais. É

²¹ Freud, “O problema econômico do masoquismo”, *Revue Fr. Psych.* II, 1928.

²² Frequentemente essa segunda mãe é uma besta, um animal de peles. No caso do próprio Masoch, é uma de suas tias que exercera o papel de segunda mãe: Masoch criança se esconde em um armário com casacos de pele, para espia-la (“Choses vécués”, *Revue Bleue*, Paris, 1888). O episódio é transposto em *A Vênus das peles*. Do mesmo modo, os ritos de suspensão têm um grande papel em Masoch e no masoquismo, papel análogo ao que eles exercem nos mitos incestuosos do segundo nascimento. Cf. o que Reik chama o “fator suspensivo”.

²³ Optamos por manter o termo utilizado por Deleuze, *instinct de mort*, ao invés de ‘corrigi-lo’ por ‘pulsão’, inclusive pelo fato de ulteriormente o próprio Deleuze aproveitar esta questão de tradução para tornar os dois termos conceitos distintos em sua própria teoria, atribuindo a *instinto* um caráter transcendental ou virtual e às *pulsões* um caráter empírico ou atual. (N. T.)

uma tendência geral do freudismo dissolver as Imagens, fazer delas algo de compósito remetendo por um lado a eventos reais, por outro a desejos ou instintos irreduzíveis que não são jamais “simbolizantes” por sua conta. Assim, segundo Freud, “o sexual não é nunca símbolo”; e no instinto de morte, trata-se de uma morte real e de um instinto irreduzível que é retorno à matéria. No entanto Freud reconhecia que a única natureza do instinto consiste na regressão, e a única diferença entre os instintos (por exemplo, de vida e de morte), no término da regressão²⁴. Faltava-lhe apreender o papel das imagens originárias: elas não se explicam por outra coisa que não elas, ao contrário elas são ao mesmo tempo o término das regressões, o princípio de interpretação dos próprios acontecimentos. Os símbolos não se deixam reduzir nem compor; ao contrário, são a regra última para a composição dos desejos e de seu objeto, eles formam os únicos dados irreduzíveis do inconsciente. O dado irreduzível do inconsciente, é o próprio símbolo, e não um simbolizado último. Na verdade, tudo é símbolo no inconsciente: a sexualidade, a morte, não menos que o restante. A morte deve ser compreendida como uma morte simbólica, e o retorno à matéria, como um retorno à morte simbólica. Os instintos são somente as percepções internas das Imagens originárias, apreendidas lá onde elas estão, nas diversas espessuras do inconsciente²⁵. O masoquismo é a percepção da imagem materna ou da mãe devoradora; ele faz os desvios e o caminho necessários para percebê-la lá onde ela está. O que importa é que este caminho não seja perdido. Existe sempre uma verdade das neuroses ou dos distúrbios enquanto tais. O problema do tratamento não é dissolver os símbolos para substituí-los por uma justa apreensão do real, mas, ao contrário, de aproveitar o que há de surreal neles para dar aos elementos negligenciados de nossa personalidade o desenvolvimento que eles reclamam. Toda neurose tem duas faces. No masoquismo, a regressão à Mãe é como o protesto patológico de uma parte de nós mesmos esmagada pela lei; mas também as possibilidades de uma progressão compensatória ou normativa dessa mesma parte, como deixa-se perceber na fantasia masoquista de renascimento. Faz parte do tratamento, nesse como nos outros casos, “dar razão ao doente”, em conformidade com

²⁴ Cf. Freud, *Para além do princípio do prazer*.

²⁵ Notemos que enquanto nesse texto de 1961, Deleuze utiliza Jung, em sua versão que publicará como *Apresentação de Sacher-Masoch* a influência junguiana é elidida. No entanto, parece claro aqui que Deleuze se serve dos conceitos de Imagem originária e símbolo de Jung, lendo-os sob a ótica do que virá a ser sua leitura do estruturalismo e seus próprios conceitos de virtual e transcendental, posteriormente retirados de Bergson e Kant. (N.T.)

a verdade de seu distúrbio, isto é, atualizar as possibilidades da neurose reintegrando-as no todo de sua personalidade²⁶.

Recebido em: 10/05/2017

Aprovado em: 05/06/2017

²⁶ Sobre Freud e Jung. Todos esses pontos remetem em geral às diferenças entre Freud e Jung. Para bem compreender essas diferenças essenciais, seria necessário considerar que os dois autores não retiveram o mesmo material clínico. Os primeiros conceitos freudianos (por exemplo, o recalque) são cunhados na moeda da histeria. E o serão sempre, embora Freud com genialidade tenha sentido a necessidade de remanejá-los em função dos outros casos que cada vez mais aprofundou (obsessão, angústia, etc....). Todavia, os métodos freudianos cabem, sobretudo, para a abordagem dos neuróticos jovens cujos distúrbios ainda se remetem a reminiscências pessoais e cujo problema, qualquer que seja o papel dos conflitos interiores, é o de se reconciliar com o real (amar, se fazer amar, se adaptar, etc.). Mas há neuroses de um tipo inteiramente outro, próximas da psicose. Neuróticos adultos, esmagados por 'Imagens' que ultrapassam toda experiência; o problema deles é o de se reconciliar consigo mesmos, isto é, de reintegrar em sua personalidade as partes de si mesmos cujo desenvolvimento eles negligenciaram, que estão como que alienadas nas Imagens de onde elas extraem uma perigosa vida autônoma. Em relação a essas Imagens primordiais, o método analítico de Freud não convém mais. Irredutíveis, a elas cabe serem abordadas por um método sintético que busca para além da experiência do sujeito a verdade da neurose, e, nessa verdade, as possibilidades de uma assimilação pessoal de seu conteúdo pelo próprio sujeito. Jung pode portanto criticar Freud por este não ter descoberto nem os verdadeiros perigos presentes em uma neurose, nem os tesouros que ela continha. Freud, diz ele, tem sobre as neuroses um ponto de vista depreciativo: "não é nada senão..." Segundo Jung, ao contrário, "na neurose reside nosso mais tenaz inimigo ou nosso melhor amigo" (cf. Correspondência com Loy, 1930, em *A cura psicológica*). Não está excluído que, até certo ponto, caiba para uma neurose uma interpretação freudiana, esta interpretação perdendo sua pertinência à medida em que se penetra nas camadas mais profundas do inconsciente, ou mesmo à medida em que ela se desenvolve, se transforma ou se reanima com a idade.